

DOIS CONTOS DE MOISÉS NETO

Conto número um:

Recife Antigo: parede psicodélica

um conto de Moisés Neto

inspirado nas idéias de Alex Antunes e José Emílio Rondeau

- Acordou a que horas?
- Não dormi.
- Pela cara chapada a Babilônia não está tão longe.
- Menos quantidade e mais distorção.
- Charuto?
- Carreiras, bolas, aditivos químicos e orgânicos. È o momento cultural. Preciso soltar os fantasmas, ter experiências profundas, olhar dentro da alma...
- Por que escolheu o Recife?
- RecBeat, multiculturalismo, doideira, experimentalismo. E principalmente porque a revista está bancando tudo. Vou colocar seu nome nos créditos como co-autora do texto, e tem aquela grana que eu já lhe disse.
- Legal.
- Olhe essas águas. Venha até aqui, esta cobertura é ótima. Não é? Quase 50 andares! Olhe os rios.
- Os rios que cortam o Recife fazem a diferença geográfica da cidade que se situa numa planície fluviomarina constituída por ilhas, penínsulas e manguezais. O Capibaribe, o Beberibe, o Tejipió, o Jaboatão e o Pirapama circulam na frente destas colinas em arco que vão de Olinda, ao norte, até Prazeres, ao Sul. São 218,7 Km²: 67% morros, 23% planícies e 10% de áreas aquáticas. Só 5% do Recife são de área verde.
- Adoro professores. Quer um tapinha?
- Não. E aí? Vamos ao Recife Antigo?
- Vamos. O chofer vai nos levar. “Newspaper taxis appear on the shore, waiting to take you away, climb in the back with your head in the clouds, and you’re gone with kaleidoscope eyes... in the sky with diamonds...”
- Nossa, meu cabelo está horrível... Ah, esses espelhos de elevadores. Ei! Como você está se sentindo?
- Mergulhando no mangue. Êxtase, solidão, delícia e vazio.
- É difícil distinguir onde começa a influência da droga na sua demência natural.

- São apenas combustíveis para a mente... I am the walrus! I am the crabman in *Manguetown!* Estou me sentindo num videoclipe, numa história em quadrinhos, sei lá!
- Recife Antigo: aí vamos nós. Siga pela Rui Barbosa e pegue a rua do Príncipe, de lá o Santa Isabel e a rua Madre de Deus até o armazém 14, na beira do Cais...
- Que dia lindo...
- Sabia que o conjunto arquitetônico do Paço da Alfândega está se transformando num shopping e um Centro Cultural?
- Vai ser inaugurado logo?
- Sim. E isso inclui o prédio onde funcionava a casa de “diversão noturna” **Chantecler**.
- Babado...
- Vou te levar até a Praça do Marco Zero. Atravessar de barco para conhecer o parque de Esculturas de Francisco Brennand. Almoçar no restaurante que fica ali perto mesmo, no dique: o *Casa de Banhos*, lugar em que se popularizou tal atividade no início do século XX aqui na cidade, onde as ondas arrebentam atrás, sobre os arrecifes. Uma paisagem inesquecível num local histórico.
- É. O “Recife Antigo” merece um passeio a pé: começando pela ponte giratória, passando pela Rua da Moeda...
- Os *boulevards*, a Praça do Arsenal da Marinha...
- Preciso tirar umas fotos do altar da igreja Madre de Deus para a revista.
- Eu preciso fotografar também no Recife Antigo o Teatro Apolo.
- Ali perto tem a primeira Sinagoga das Américas e uma antiga estação de trem, a do Pilar, no Brum, a “Cruz do Patrão”, onde os escravos eram castigados antigamente.
- Essa matéria vai ficar bem legal. Eu quero algo que uma regra e sonho, razão e moção, dia e noite. Tudo isso de maneira inquietante. Algo que expresse as forças obscuras da alma do Recife Antigo e provoque a embriaguez dos sentidos. Por isso que eu pedi a ajuda da *cilibrina*.
- *Cilibrina?*
- É do negócio, do barato. Entendeu? Mas me diga. É fácil fotografar a tal Cruz do Patrão?
- Eu pensei que precisaríamos de uma autorização ou de um guia turístico.
- Por quê?
- Porque o lugar é meio *entocado* por trás dos depósitos. Mas eu liguei para o Escritório de Revitalização do Bairro do Recife e eles disseram que não. Olha: chegamos. Siga em frente. Vamos Parar no Marco Zero...
- Olha essa torre.
- O pênis de Brennand. Ela é oca e tem um pêndulo dentro.
- Vamos logo até a cruz do patrão?
- Você é quem manda. Moço: siga pela beira do cais em direção ao Brum.
- Sabe? Eu quero que nesta matéria fique bem clara a distinção, ou fusão, entre coletivismo e individualismo neste bairro.
- Brennand, por exemplo, seria um bom eixo para esta análise, a maneira como ele trata o sexo...a religião. Vamos deixar o carro aqui e seguir a pé. Por favor, é por aqui que a gente chega à cruz do patrão?
- Não sei informar. *Peraí*. Pedro! Onde é a cruz do patrão?
- Sei não. Jorge deve saber.
- Jorge!
- Diz, alma!
- Onde é a cruz do patrão?
- É aquele *negócio* ali no meio do mato.
- Obrigada. E aí vamos lá? Prepara a máquina.

- Tá no ponto.
- Quantos ácidos você tomou?
- Dois.
- Não está vendo dragões coloridos? Como é o nome do tipo de porcaria?
- É o “bicicleta”: dietilamida, ácido lisérgico 25. Sintoma fundamental da psicodelia: turbilhão mental. Minha cabeça está em festa. Sabia que agora podemos comprar cogumelos alucinógenos, ayahuasca, peyote pela internet?
- Que horror!
- No site www.azarius.com
- Azarius seu!
- Mas isso é besteira porque até pimentão vermelho cru mofado ou noz-moscada inteira dá barato.
- Você tem 22 anos e parece uma criança. Um Peter Pan.
- Sorria, Wendy. Peter vai tirar uma foto sua na terra do nunca.
- Vamos. Próximas paradas: estação do Brum e Torre Malakoff.
- Siga em frente.
- A gente pode subir na Torre?
- Sim. Vamos subir
- Uau! O visual é fantástico.
- Você acha mesmo que drogas...esse lance de desregramento...transar com um monte de gente...conduz diretamente à criatividade? Ou a um desequilíbrio pessoal e à chatice e decadência?
- Veja o lance da Jurema: os macumbeiros acreditam que por trás da planta há um elemento sobrenatural. O babado é o uso sábio. Entendeu? O irracional está cansado de ser reprimido.
- Bom: aí está o Teatro Apolo, do século XIX, lá atrás tem o Hermilo Borba Filho, centro experimental. Uma foto da fachada? Pra que tantas?
- O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria. Let's go.
- Nesta rua fica o Burburinho, um bar diferente.
- Em quê?
- Papo cabeça, paredes na rua...aquelas coisas.
- Não zombe.
- Olha aí a Madre de Deus.
- Vou fotografar o altar.
- Esta sua máquina é ótima. Mas você está tremendo.
- Não é nada demais. Olha só estas imagens. Parece que estão vivas. Parece que se movem. Que cores mais absurdas.
- E aí?
- Pronto.
- Já? Só cinco fotos?
- Eu vou voltar amanhã. E vou fotografar também a igreja do Pilar.
- Ali fica a Folha de Pernambuco. Pertinho da Rua da Moeda: olha onde era o Pina de Copacabana. Fotografe. No meu ensaio, eu falo sobre o Recbeat. Estou com fome. Vamos ao Marco Zero. Atravessando ver o parque de esculturas no dique e um restaurante diferente.
- Por quanto o senhor nos atravessa moço?
- O catamarã é de graça, dona. Oferta do restaurante...
- Ótimo. Vamos.
- Como é o nome deste... canal?
- Isso é o rio Capibaribe mais o Beberibe se ajuntando por aqui.
- E o castelo do primo dele? Do Brennand.
- Podemos ir lá amanhã.

- A gente pode saltar aqui e ir andando pelo dique até o restaurante, moço?
- Fale com o guarda.
- Tá bom.
- Menina, que visual! Faz tempo que eu não vinha aqui. Quanta coisa!
- Tem gente que não gosta.
- Ah! Má vontade de recifense.
- Aí está a ilha do Recife.
- Belíssima!
- Um dado inquietante que você não pode deixar de citar na sua reportagem: uma das comunidades mais pobres do Recife encontra-se na ilha: é a comunidade do Pilar, onde moram antigos trabalhadores portuários ou da fábrica de biscoito, ou famílias que foram marcadas pela zona de prostituição que fez “sucesso” no Recife Antigo na primeira metade do século XX, essas pessoas hoje vivem na miséria.
- Eu vou escrever assim: você está passeando pelo Recife Antigo. Fique atento à uma beleza rara. O Recife é amigável, mas não é tão doce quanto aparenta ao longe.
- Também não precisa queimar o filme. Não é?
- Vamos ao restaurante.
- Vamos.
- Quantas esculturas. O que é isso?
- Não percebe? São os ovos de Brennan.
- Lindos. Olha: as ondas sobre os arrecifes. Esta matéria vai ficar ótima.
- Sim. Agora vamos comer, beber e eu vou te mostrar um belo pôr-do-sol.
- Ah, Recife Antigo, és hoje para mim uma parede psicodélica.

CONTO NÚMERO DOIS:

“Bonita”

um conto de Moisés Neto

Os limpadores dispersavam a água do vidro. Ela atravessou a Ponte Giratória no meio da neblina. Fumaça dentro do carro, lágrimas nos olhos. Um retrato rasgado sobre o assento do passageiro. “holding back the years”, do Simply Red, no cd-player. Uma ilha: o recife Antigo. Um revólver no porta-luvas, pílulas, uma garrafinha de prata. Uma retocada básica na maquiagem e no cabelo, uma ajeitada nos anéis, no colarzinho, no sutiã. Um perfume, *Dolce&Gabbana*. Respirar fundo. É hoje.

O flanelinha com imenso guarda-chuva até a porta da boate. Sorriso do porteiro, abraço do promoter. Faíscas de luz vinham do primeiro dancing. Direto para o *Mexican bar*.

-Tequila.

Olhos ansiosos. Bebeu a dose de um gole só. Classe média recifense. Poucos ricos à meia-noite. Partiu uma unha quando meteu a mão na bolsa em busca de um cigarro.

-E meu benzinho?

-Na Praça do arsenal. Show do Manu Chao.

-Diz pro Fred que eu já volto.

-A senhora manda.

Cruzou o lounge como um espírito e saiu entorpecida. Uma rajada de vento frio deu-lhe um arrepio na nuca. Num dos velhos casarões duas prostitutas velhas gargalharam na varanda. Alguns vagabundos trocavam insultos numa birosca suja. Ao longe o barulho do show. Olhou à direita para a praça do Marco Zero. A torre de cristal cintilava esverdeada e uma criança dançava alucinadamente.

Na Rua do Bom Jesus as folhas das árvores balançavam e as calçadas dos bares estavam vazias. Lá dentro alguns buscavam calor.

Ela entrou numa espécie de pub. Sentou-se. Pediu mais tequila e ligou para ele. Muito barulho. Mandou uma mensagem por escrito: no Panquecas em 15 minutos, que logo passaram. Quando ele chegou, ela tinha tomado mais uma dose.

-Queria ver o resto do show...

-Eu sou o show. E aquele toin oin oin do Manu Chao, sinceramente! Olhe: o que você fez, tirando tudo que é seu do apartamento e jogando a chave por debaixo da porta...depois de tudo...é im-per-do-á-vel! E comigo! Quem você pensa que é? Hein? Eu acabo com você! Foi aquela cachorra, não foi? Vamos diga!

-Se você não se acalmar, eu vou embora.

-Pois vá!

-Você não tem jeito. Vamos andando. Pague esta porcaria. Eu lhe espero na esquina.

Levantou-se. Ela deixou uma nota de 50 e disse que depois pegava o troco. Seguiu-o. A chuva havia parado e uma lua cheia ensaiava iluminar as ruas lamacentas. Ela alcançou-o.

- Canalha! Vou denunciar vocês todos. Pensa que não tenho provas?
- Eles matam você.
- Sem você, é melhor morrer! Eu te amo demais. E sei que você me ama.
- Ninguém manda em mim.

Ela segurou o rosto dele e deu-lhe um prolongado beijo na boca. Parecia querer sugar-lhe a lama. Ele desvencilhou-se e continuou a andar em direção ao cais. Passaram uns rapazes vestidos de preto e com caras de mortos-vivos. Um deles pediu um cigarro. Ela disse que não. Pegou um e acendeu.

- Isso ainda vai te dar um câncer. Que feio!
- E o seu vício é tão bonitinho...
- Escute: semana que vem estou indo para Londres.
- Não!
- Me deixe ir! O Recife está me sufocando.

Uma nuvem passou rápida pela lua. Eles chegaram na frente do prédio enorme do Ministério da Fazenda. Ela encostou-se numa das colunas. Olhou para um navio que estava atracado. Observou o nome. Parecia russo.

- Vai largar a faculdade? Vai trancar? E o dinheiro que eu gastei?

Ele não respondeu. O telefone dele tocou. Ele se afastou pra atender.

- Estou com ela agora...
- Sua vagabunda! Deixe o meu homem em paz! Não estrague o futuro dele!
- Pare! Depois eu falo com você!
- Ai, meu Deus. Você está me destruindo. Depois de tudo que eu fiz por você!

Saiu andando cambaleante em direção ao envidraçado Armazém 12. Ele a seguiu. Um trem de carga se aproximava. As lágrimas atrapalhavam a visão e ela imaginou-se estraçalhada sobre os trilhos. Desistiu.

- Pois vá! Vá mesmo. Vá logo.

Ele afastou-se indeciso. Mas, foi. Talvez para sempre.

Ela pensou: era forte. Já agüentara muita coisa e venceu na vida, sozinha. Maldito *desmantelo blue!* A lua brilhou intensamente. Ela esboçou um sorriso. Olhou para os prédios da Praça do Marco Zero. O chão molhado, as avenidas. Sozinha naquela ilha!

Encaminhou-se para o carro. Morrer não adiantava. Tinha que continuar lutando e tentar ficar mais forte e mais... bonita.